Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 867

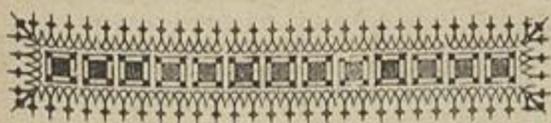
30 DE JANEIRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CYPRIANO CASTRO — Presidente da Republica de Venezuela

CHRONICA OCCIDENTAL

Camaras abertas. Na dos pares, resposta ao discurso da corôa, na dos deputados, caminhos de ferro d'Africa. Uma vez ou outra, pequeninas scenas de tradição n'aquellas casas, conforme o livro interessantissimo do sr. Barbosa Collen. Mais moderado agora, é claro; agora ou por emquanto. Muita vez chega o temporal sem annuncio. Ha por esse paiz fóra muito nariz e muita bochecha que podem servir de testemunhas, e as respectivas mãos dos outros

Por esse mundo de Christo, n'este seculo que por ora não tem sobrenome, anda acontecendo muito peor. Noticias de guerras não faltam, apesar das muitas mãos que em Haya e no Vaticano se erguem tremulas.

Em Marrocos o pretendente parece estar decidido a tomar a offensiva e vai avançando contra Fez, que talvez caia em seu poder.

A questão de Venezuela tomou um aspecto que ia inquietando o mundo inteiro. A Inglaterra parecia querer deixar a Allemanha sósinha em campo, tendo talvez esta que entender-se com o formidavel poder dos Estados-Unidos. N'isto, vem a noticia de que as tropas rebeldes venceram as do presidente Castro e que os couraçados do Imperador Guilherme fizeram finalmente ir pelos ares o forte que bombardeavam. As ultimas noticias dizem que Venezuela acceita as propostas das potencias.

Mais outra noticia de lucta nos chegou, que forçosamente muito mais nos commoveu, porque muito de mais perto nos interessa. O governo do Brazil mandou caminhar para a fronteira as tropas que tinha disponiveis, por se ter aggravado a situação ha muito existente entre esta republica e a Bolivia, motivada por questões sobre territorios no Acre.

As legações do Brazil na Europa communicaram aos jornaes um telegramma de seu governo expondo a situação.

Não admira, em vista d'estas noticias, que Portugal por algumas horas se desinteressasse d'outras questões para elle menos interessantes, do que quanto se refere áquelle paiz onde a nossa raça se revela em todas suas melhores qualidades, áquella terra que portuguezes descobriram, onde tem ainda hoje Portugal seus melhores interesses e os melhores de seus amigos

São constantes as amabilidades que do Brazil recebemos a cada hora, e ainda não houve momento de tristeza por nós soffrida, que não ouvissemos repercutido com intensidade nos eccos de além-mar o grito da nossa dôr.

E' por isso que todo o mal que o Brazil ameace nos põe inquietos os corações. E' a nossa familia que soffre, são homens que teem nomes portuguezes como os nossos, que luctam pela gloria, pelo bem, pela integridade do territorio d'essa vastissima região que é a grande honra dos portuguezes em toda sua fulgurante historia.

Os artistas, mais que todos, devem orgulhar-se do Brazil. Os grandes poetas brazileiros são dos mais illustres que escreveram em lingua portugueza; são por isso poetas nossos; são-o pela graciosa lingua que tão artisticamente trabalharam, são pela escolha de assumptos, pelos sentimentos que os inspiram e que ainda são os das almas portuguezas.

E' tão pequena a differença que entre uns e outros existe, que, se não fôra a descripção dos scenarios, e aqui ou além, um termo extranho que nos surja de flora ou fauna, cuidariamos ser a obra pensada, sentida, escripta por um patricio nosso.

Um exemplo ahi temos agora na peça que com grande exito se está representando no theatro da Trindade. Pois quem deixou de ver na *Capital Federal*, e de rir com elles, exemplares magnificos da velha graça portugueza em que tanto brilharam Francisco Palha, Julio Cezar Machado, e tantos outros?

Arthur d'Azevedo, seu auctor, é um dos jornalistas brazileiros, que mais se interessam no Brazil pelas coisas portuguezas e a quem os escriptores de Portugal devem maior gratidão.

Cheio de talento, de graça, de fecundidade, é dos nomes mais queridos entre os que escrevem para os theatros do Rio de Janeiro.

E' auctor d'uma obra prima — *O Badejo* — em que scenas ha de interior deliciosas, e uma ironia finissima espalhada por toda a comedia.

Dizem-nos que com outro nome, e ligeiramente retocada pelo auctor, em breve a veremos no theatro D. Amelia levada á scena, em beneficio do actor Christiano de Sousa.

Será um dia de festa para nós, aquelle em que podermos applaudir com enthusiasmo o nosso querido companheiro nas letras.

Os theatros começam acordando d'um certo marasmo a que, parecia, se queriam condemnar este anno.

A recepção feita á Bartet e ao Le Bargy, não foi já tão enthusiastica como a de seus predecessores. Comedias e dramas se representaram no theatro D. Amelia que, não desagradando ao camaroteiro, nem por isso conseguiram despertar o publico da indifferença. Foi o beneficio de João Rosa quem trouxe ao theatro o primeiro calor este inverno.

Representou-se a peça de Sudderman, *Fogueiras de S. João*, que foi bem recebida pelo publico, devido sobretudo ao excellente desempenho que obteve.

Não falaremos de João Rosa como actor, que a seu respeito tudo já foi dito, nem sequer como homem d'elle falaremos, que são seus amigos quantos o conhecem. Queremos archivar aqui tão sómente a alegria que elle nos deu, só com a occasião de, mais uma vez, podermos manifestar-lhe com enthusiasmo, quanto o prezamos como artista dos maiores, digno de um tal nome, por seu talento e seu coração.

Tivemos mais uma noite d'arte, e não são ellas tão vulgares entre nós, que deixassemos de apontal-a.

Descança a gente de quando em quando, falando de coisas que nos alegrem um bocadinho o espirito e que podem ser incentivo a outros, que teem por obrigação não esmorecer.

Continúa tornando-se digna dos mais calorosos elogios quem, em meio da frieza geral, dá um bocadinho de attenção ás coisas d'arte em Portugal, e tanta perola para que deixámos de ter olhos.

Mais uma vez nos seja licito falar da sr.ª Condessa de Proença-a-Velha e dos seus concertos; mais uma vez nos permitta a illustre senhora, de tão original talento, de tão energica vontade, que d'aqui lhe enderecemos os nossos parabens e justissimos applausos pelo muito que tem concorrido para o feliz exito da obra altamente patriotica, a que se tem dedicado.

Muito precisavamos, e ha muito, que não deixassemos de todo corromper-se o bom gosto musical dos portuguezes.

Eduardo Schwalbach muito tem conseguido no Conservatorio, de que é inspector, e ainda ha poucos dias o sr. Ernesto Vieira, membro do Conselho de Arte Musical, foi justissimamente applaudido em sua curiosissima conferencia, primeira da serie que n'aquelle estabelecimento de instrucção foram estabelecidas.

Breve ali deve realisar-se a primeira audição de alumnos, em beneficio d'estes. Tomarão parte no sarau, os mais conceituados discipulos das aulas de musica e de arte dramatica.

Estamos no tempo em que mais frequentados são os espectaculos. E' aproveitar a sesão. As ultimas noites teem sido frias, mas sem chuva. Continue o tempo assim e os theatros terão por certo um invejavel entrudo.

Na Rua dos Condes trabalha-se com afan, para pôr em scena, no fim d'esta semana, a revista do anno *No olho da rua*, de Mello Barreto e Camara Lima.

D'esta vez a terrivel tesoira da Parreirinha não sei se terá de trabalhar. E' possivel que o emprezario, á cautela, se lembre de recorrer á Commissão da censura, cujos membros não terão talvez os bigodes tão hirsutos como a policia. Teem, além d'isso, a vantagem de prevenir as coisas a tempo.

Não ha falar agora em revistas que não se recorde a gente d'um dos ultimos mortos celebres, o popular José Augusto, verdadeiro revisteiro ambulante, que, do alto da sua carroça, tanta vez fez troça descabellada a toda a politica, a toda a litteratura, a toda a sociedade do seu tempo.

Quizeram uma vez calal-o e elle calou-se; obedeceu á intimação; fez mais até: metteu uma rolha na bocca e foi passear com ella, de carruagem descoberta, por todas as ruas de Lisboa, o que lhe valeu ser preso quatorze vezes no mesmo dia.

Foi celebre em vida, foi celebre na morte, acontecida não se sabe quando nem como, pois foram dar com elle em casa, morto decerto ha mezes, todo elle esphacelado, roído pelos ratos.

Foi-se mais um typo da rua, que a ella e ao que n'ella se dizia, a vida passou fazendo commentarios.

Pois quanto veria não seria alegre; visto que sempre andamos por ahi a acotovelar tragedias. Scenas são apenas, e nem sempre temos tempo ou paciencia ou caridade para lhes procurarmos o principio e querermos saber do fim.

Algumas agora se deram, de que os jornaes se occuparam muito: uma tentativa de assassinato, um suicidio depois, outro suicidio logo a seguir, aliás, como sempre.

E continuará sempre este caso a ser extranhado e a parecer áquelles que com elle menos deviam espantar-se que os suicidios são, como certas doenças, contagiosos.

Claro está que são. O contagio vem pelo mau exemplo; mas é preciso que este se saiba. Um homem não se mata em Lisboa, porque um mandarim, sem ninguem o saber, se enforcou lá na China.

Houve tempo em que os jornalistas decidiram não dar noticia de suicidios; andavam bem. O contrario é desempenhar o papel das pulgas na peste bubonica.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

PRESIDENTE DA REPUBLICA DE VENEZUELA

O actual presidente de Venezuela, que hoje occupa o primeiro logar na galeria artistica do Occidente, chama-se Cypriano Castro, nasceu em 1863, no estado dos Andes, e ainda que filho de paes humildes, ergueu-se pelo seu proprio esforço, pela sua rigidez de principios e pela sua tenacidade, ao alto cargo que occupa desde 1895.

Demonstrando desde a mais tenra infancia, as suas disposições bellicosas, chegou a ser o homem mais temido de Venezuela.

General e tactico de primeira ordem, orador distincto, attribue se lhe a idéa de querer formar um vasto imperio sul-americanó, constituido pelas republicas de Venezuela, Colombia, Equador, Bolivia e Perú.

As costas d'este novo imperio estender-se hiam desde as fronteiras da Guyana até o isthmo do Panamá, envolvendo metade da parte occidental da America do sul.

Subiu ao poder pela força das armas, e tendo vencido a ultima revolução, capitaneada pelo general Mattos, a quem se diz que a Inglaterra e a Allemanha dera avultadas quantias para o derrubar, Cypriano Castro descançava agora sob os louros ainda viridentes das suas glorias, n'um magnifico palacio construido e decorado á europêa, onde o foi arrancar o brutal *ultimatum* dos representantes da Inglaterra e da Allemanha.

Explica-se assim o motivo que foi causa da aggressão:

O presidente Cypriano Castro fôra compellido a pagar avultadas sommas, que eram devidas á Inglaterra e á Allemanha, e apesar das instantes reclamações feitas pelas duas potencias, Castro remettera-se ao silencio, não se dignando responder a uma unica d'essas reclamações.

Por outro lado a imprensa franceza justifica o attentado posto em acção por duas das mais poderosas potencias européas, por serem de longa data as reclamações da Inglaterra, da Allemanha, da França e da Italia, pela pouca attenção que Venezuela dava aos seus compromissos, e pelos vexames de que os estrangeiros, ali residentes, eram victimas.

Parece que a principio, as potencias tiveram receio de que os Estados-Unidos estivessem por detraz de Venezuela para a defender, porém esses receios breve se desvaneceram porque, apesar de na grande republica se agitar a opinião a favor da intervenção dos poderes do Estado, elles contentaram-se em trocar umas simples notas diplomaticas... por honra do convento.

Esta moleza animou a Allemanha a continuar a sua attitude aggressiva, ao passo que a Inglaterra appellava para a arbitragem, a França aguardava os acontecimentos e a Italia ia com a maioria, para não se comprometter.

Suspenderam-se as hostilidades, mas permaneceu o bloqueio. A Allemanha oppoz-se a que o caso se sujeitasse ao tribunal de Haya e a insurreição caminhava favorecida pelas potencias, fazendo quasi prever a abdicação do presidente Castro.

Entretanto os telegrammas annunciavam o desembarque de forças allemãs em Puerto Caballo, ao passo que outras se apoderavam da alfandega de La Guyara e aprisionavam quatro navios venezuelanos, que estavam n'aquelle porto.

O presidente desejando ver se evitava mais graves consequencias, acceitou todas as condições exigidas pelos alliados, excepto a compensação territorial, mas apezar d'isso, a Allemanha continuou as suas manifestações hostis, bombardeando e destruindo o forte de San Carlos, em Maracaibo, havendo bastantes victimas.

Actualmente é a canhoneira «Panther» o unico navio de guerra allemão, que permanece ainda no lago, mas o bombardeamento está suspenso, continuando a bandeira venezuelana a fluctuar nas ruinas do forte de San Carlos.

Ha quem affirme que o bloqueio será levantado por estes dias, mas ao que parece, a questão não ficará assim liquidada.

A NOVA CAMARA DOS DEPUTADOS

Já pelo menos meia Lisboa, deve ter conhecimento d'essa obra notabilissima, a primeira do genero em Portugal, e que ficará como mais um padrão de gloria a affirmar o que podem a perseverança, o estudo e o talento dos artistas portuguezes.

A architectura acaba de dar-nos uma prova do seu adiantamento e mostrar que, não só no estrangeiro, ha cerebros capazes de crear cousas bellas e grandiosas, em Portugal tambem ha d'esses cerebros geniaes, mas só uma vez ou outra lhes é dado sahirem da vulgaridade por falta de elementos do nosso acanhado meio.

A nova camara dos deputados é a consagração d'um artista.

A opinião é unanime.

«Quando o novo edificio da camara electiva e o da camara dos pares formarem um conjuncto, quer pela sua estructura interna, quer pela externa, sobretudo quando todas as obras projectadas estiverem concluidas, constituirá talvez o primeiro monumento de Lisboa, e poderá rivalisar com alguns dos parlamentos da Europa, expressamente construidos para tal fim.»

Escreveu-o a brilhante penna do sr. Rangel de Lima, nos folhetins do *Commercio do Porto*, em que se occupou do precioso trabalho do sr. Ventura Terra.

Quando o incendio devorou o barracão, que com suas apparencias de estufa, a quem o via de fóra, servia para as reuniões da camara electiva, o sr. conselheiro João Franco, que era então ministro do reino, pensando em remediar logo aquella falta, mandou chamar o sr Ventura Terra e pediu-lhe que fizesse o projecto de uma nova camara.

Quinze dias depois o laureado architecto apresentava o seu trabalho, que em seguida foi levado ao conselho de obras publicas, dando, este, parecer desfavoravel e alvitrando que se abrisse concurso internacional para essa grandiosa construcção.

O ministro das obras publicas, sr. Campos Henriques, respeitou o parecer, abrindo-se concurso, que foi bastante concorrido por differentes architectos, tanto nacionaes como estrangeiros.

O sr. Ventura Terra a instancias do sr. João Franco, apresentou o seu projecto.

O jury, em dezembro do mesmo anno, preferiu o projecto do sr Ventura Terra, sendo-lhe adjudicado o trabalho da construcção.

*
* *

Divide-se o novo edificio em duas partes.

A parte nobre que é composta da sala das sessões, vestibulo e sala dos *Passos Perdidos*, e outra parte pelas dependencias, repartições, gabinetes, *buffetes*, etc.

O vestibulo que é uma vasta sala toda de marmore branco, tendo apenas no chão algum marmore vermelho, tem á direita dois grandes nichos de pedra, destinados a receber as estatuas dos dois homens, julgados como os mais notaveis da politica portugueza.

Entre estes dois monumentos hão de ser collocados, nas cinco bases ou supportes que já ali se encontram, os bustos dos oradores parlamentares que tenham jus a esse logar de honra.

E' á esquerda d'este vestibulo, que fica a escada monumental que conduz á sala dos *Passos Perdidos*, escada a que dão accesso cinco magestosos arcos.

Os capiteis das pilastras que se erguem a toda a altura do vestibulo, são ornamentados com motivos symbolicos da eloquencia.

Uma vez na sala dos *Passos Perdidos*, a impressão que o nosso espirito ahi recebe, é das mais agradaveis.

Tem esta sala 70 metros de comprimento por 9 de largura e 10 de altura, e é tambem toda em marmore branco e vermelho, e no tecto abobada-

do ha, a intervallos, claraboias de vidros roxos, que espalham na sala uma luz suave e lhe dá um tom severo e recolhido.

Nos dois extremos d'esta grandiosa sala, vêem-se duas columnas de fustes de marmore vermelho e capiteis dourados. As bases dos fustes são de bronze tambem dourado.

Coroando os capiteis das columnas umas misulas douradas, com festões de bronze, egualmente dourado.

O pavimento d'esta sala é de *parquet*.

A intervallos, entre columnas de marmore vermelho que aformoseam as grandes paredes, deverão ser collocados oito retratos de oradores parlamentares.

A sala dos *Passos Perdidos*, é vedada ao publico e só privativa dos deputados. D'ella passa-se á sala das sessões, por duas portas abertas na parede da presidencia.

Esta sala offerece surprehendente aspecto. E' verdadeiramente grandiosa no seu conjuncto.

E' em fórma de hemicyclo, sendo a sua disposição em amphitheatro e recebendo luz d'um amplo lanternim.

Mede 410^{m} de superficie, 18,^{m}90 de altura maxima.

Tem logares para 150 deputados, 7 ministros, presidencia e secretarios, tachygraphos, 30 logares para pares do reino, tribuna real e do corpo diplomatico, tribunas para as familias dos deputados, para a imprensa, reservadas para 350 pessoas e publicas para 400.

Sobre a parede da presidencia corre uma cercadura composta de 25 escudos dos differentes concelhos do reino, encimados pela corôa real e destinados a inscreverem-se legendas.

Na parte central fica a estatua de El-Rei D. Carlos, trabalho do nosso eminente esculptor Teixeira Lopes. A estatua mede 3,^{m}60 de altura.

Esta parede é adornada por altivas e airosas pilastras e por um magnifico *lambris* de marmore e um formoso friso ornamentado com cabeças de leão, friso que se prolonga em todo o hemicyclo.

Duas figuras symbolicas de mulher supportam as armas reaes portuguezas por sobre a estatua d'El-Rei.

Dois grupos similhantes estão collocados por sobre as duas tribunas; pertencendo a modelação do grupo da tribuna do corpo diplomatico, ao talentoso esculptor de Lisboa, Moreira Rato, e o grupo da tribuna Real e do retrato d'El-Rei, a Teixeira Lopes.

As galerias são separadas por uns supportes, onde devem assentar estatuas de marmore, allegoricas á Eloquencia, á Rhetorica e á Lei, etc.

As tribunas teem á frente uma elegante balaustrada. A galeria reservada é saliente como os balcões dos theatros. A galeria publica fica-lhe superior e tem por supportes bellas columnas de marmore côr de rosa.

A parte decorativa falta ainda completada pelas telas de que está incumbido o eximio pintor Velloso Salgado, e que teem já logares destinados na sala.

Os assumptos d'esses paineis decorativos, hão de encontrar uma execução condigna no talentoso artista, a quem foram incumbidos.

A mobilia da sala das sessões e das galerias, é em madeira de carvalho, foi desenhada por Ventura Terra e adjudicada á marcenaria 1.º de Dezembro, por quarenta contos.

As dependencias da camara dos deputados estão tambem completamente independentes do resto do edificio. Uma escada que está collocada á entrada das camaras e do lado direito, dá ingresso para as differentes repartições, de modo que os empregados não teem de fazer serventia pela escada nobre.

As dependencias são: repartições, archivo, bibliotheca, etc.

O ARCHITECTO VENTURA TERRA

O distincto architecto sr. Ventura Terra, nasceu em Seixas, em 1866.

Iniciou em 1881 os seus estudos de architectura, pintura e esculptura, na Academia de Bellas Artes do Porto, onde 3 annos depois tomou parte no concurso para um logar de architecto pensionista do Estado, em paizes estrangeiros.

N'esse concurso, que foi muito disputado, obteve a primeira classificação partindo para Paris, em 1886.

Chegado ali tomou logo parte no concurso para a entrada na Escola de Bellas Artes, sendo um dos cinco primeiros classificados d'esse concurso.

Foi seguidamente alumno do eminente architecto francez Jules André, e sobretudo do sr. Victor Laloux, o architecto mais notavel da França moderna.

Durante o seu curso de architecto obteve vinte seis mensões honrosas, entre primeiras e segundas, e cinco medalhas, sendo por esse motivo admittido pelo governo francez a tomar parte no concurso dos architectos de 1.ª classe, diplomados, pelo mesmo governo; o mais subido grau a que aspiram os architectos francezes.

Em 1895 era-lhe conferido novo diploma pela bella prova artistica e scientifica do projecto do palacio de justiça para Lisboa, que lhe tinha sido encommendado pelo governo portuguez.

N'esse mesmo anno expoz um trabalho seu no *Salon* de Paris, sendo-lhe conferida uma menção honrosa, ao mesmo tempo que lhe era dado o segundo premio no concurso para o monumento ao infante D. Henrique.

Regressando a Portugal em 1896, tomou logo parte no concurso internacional aberto pelo governo portuguez para os projectos de construcção da camara dos deputados, e parte restante do Parlamento, excepto a sala da Camara dos Pares.

Obteve n'esse concurso o primeiro premio, sendo tambem encarregado da direcção das obras.

O laureado artista tem tambem a seu cargo a construcção do Palacio da Justiça, de Lisboa, segundo o seu projecto

Nos concursos para a construcção de dois pavilhões portuguezes na Exposição Universal de 1900, obteve os dois primeiros premios.

Projectou e executou uma capella para S. Magestade a Rainha, Senhora D. Maria Pia, no Paço d'Ajuda, e tem elaborado differentes projectos no ministerio das obras publicas.

E' auctor de alguns projectos de edificios executados e em execução no Brazil, estando commettida á sua competencia artistica a execução das grandiosas obras no monte de Santa Luzia, sobranceiro á cidade de Vianna do Castello.

O sr. Ventura Terra tem já concluido um projecto para a nova fachada do palacio das Côrtes, e o trabalho e tão completo, que se poderá affirmar sem receio de contestação, ficar aquelle edificio sendo o primeiro e o mais grandioso do paiz.

O sr. Ventura Terra é academico de merito da Academia do Porto, pertence ao Instituto de Coimbra, á Sociedade dos architectos diplomados pelo governo francez, vogal do conselho de monumentos nacionaes etc.

* * *

São da acreditada photographia Serra as photographias da sala e dependencias da nova camara dos deputados, gentilmente postas á nossa disposição por este estimado artista, com auctorisação do distincto architecto.

Significamos aqui o nosso reconhecimento, pois, sem este auxilio, não poderiamos dar aos nossos leitores, por nossa vez, uma idéa geral do que é essa monumental obra d'arte.

UMA QUARTA DO RIBATEJO

É um dos mais notaveis trabalhos em ourivesaria, o que reproduz a nossa gravura. Exposta n'uma das montras da ourivesaria Leitão, tem sido gabada dos entendidos e causado a admiração dos profanos, essa bella peça que representa em tamanho natural, decorada em prata, uma cantara ou quarta do Ribatejo, tendo em volta do bojo um festão de folhas de oliveira, com o brazão do nosso estimado assignante sr. Vicente Themudo, de quem é propriedade, e um dos mais opulentos lavradores de Constança.

Toda a decoração d'esta peça, que é feita de um só bloco de prata, foi admiravelmente trabalhada, sendo um verdadeiro primor de cinzelamento a carranca do fauno, que decora o bojo da quarta na parte opposta ao brazão.

A modelação foi feita pelo sr. Jorge Yanz, professor da Escola Marquez de Pombal, de que é director o nosso particular amigo sr. Carlos Adolpho Marques Leitão.

Esta obra d'arte, que é uma gloria para a ourivesaria portugueza, honra as officinas do sr. Leitão, que em mais d'um trabalho tem affirmado a alta competencia da sua direcção artistica.

Topicos geraes de problema agricola

«... a agricultura, fundamento das sociedades...»

E. G. Arbanère.

Nenhum povo desapparece da scena historica dos acontecimentos, desde que sabe aproveitar no bom sentido economico as vantagens de posição, a riqueza de solo e a indole que lhe forma o proprio caracter.

Portugal não póde nem deve ser outra coisa que um povo lavrador e colonial.

Visões de festas deslumbrantes sob tectos de brocado e sonhos de opulencia phantastica, não são digna illustração de netos de contemporaneos do esposo de Santa Izabel e de descendentes de companheiros de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral.

O meio unico de merecer respeito e attenções das demais potencias do mundo culto seria prover a nossas necessidades com recursos internos e trilhar caminho de equidade com firmeza prudente e tacto seguro.

A' lavoura! — este deveria ser o nosso brado favorito e uma das carreiras inculcadas á nossa mocidade por paes diligentes.

Povo algum attingiu na antiguidade remota o grau de importancia dos egypcios e nenhum em nossos dias se apresenta como os americanos do norte, e é certissimo que tanto os subditos dos pharaós como os cidadãos dos Estados-Unidos, deveram e devem á agricultura tudo quanto foram, tudo quanto são.

Não haveria para nós utilidade pratica e até interesse moral, se nos entregassemos á cultura da terra na escola educativa do trabalho?

Pois, se em vez de deixar campos de baldio, procurassemos tirar d'elles todo o proveito possivel, já para pasto de rebanhos, já para ensaios de productos proprios a commercio de exportação e adaptados a differentes industrias, já, emfim, para mil applicações agricolas que o tempo e a observação constantemente suggerem, se fizessemos isto careceriamos por ventura de importar do estrangeiro na roda do anno generos e artigos de primeira necessidade, que nos levam quantias enormes?

Esse dinheiro que sae para fóra do paiz, posto cá dentro em circulação, não representaria beneficio geral dos habitantes?

Esses nossos irmãos que emigram para o Brazil em grandes levas, se aqui encontrassem incentivo de permanencia deixar-se-iam illudir com pasmosa facilidade por negociadores de escravatura branca?

E braços que desertam da mãe patria para paizes extranhos, não significam prejuizo real no logar do berço?

São considerações d'esta ordem que deviam orientar em Portugal homens de governo e potentados particulares.

A primeira funcção logica da boa politica é inquestionavelmente attender a interesses legitimos dos povos na administração publica e economica, relegando para segundo plano todo o machinismo partidario, de cuja montagem não resulta para a ordem social nenhum grave perigo e nenhum progresso sensivel.

Por dar primazia a questões secundarias é que temos chegado, infelizmente, a um tal estado de abatimento e de decadencia.

A falta de união salutar em nosso mundo agricola é causa exclusiva, quasi, de não terem vingado até agora, como convinha á nação portugueza tantos alvitres judiciosos apresentados em varios congressos, em muitas conferencias e mesmo no parlamento.

Tudo se subordina a combinações de credito eleitoral, desprezando-se completamente propostas de largo alcance em assumptos que, como a agricultura, encerram importancia vitalissima.

Nós, portuguezes, devemos ter em vista sobretudo a nossa propria manutenção dentro de um regimen liberal e modesto.

Assim, fazemos evidentemente figura ridicula sempre que pretendemos competir com povos poderosos aos quaes só não imitamos em boa administração interna e em respeito ás leis.

Era n'esse ponto exactamente que cumpria haver esforço de observação e de analyse, estudo activo, vontade de aprender.

Falamos constantemente nos francezes e afinal de contas somos apressados em copiar-lhes os modelos de modas e em transplantar para cá aquillo que menos honra a França e é mais nocivo aos costumes.

Se houvesse entre nós melhor senso commum saberiamos antes colher d'elles lições de asseio e de economia domestica, notariamos com que cui-

A NOVA CAMARA DOS DEPUTADOS

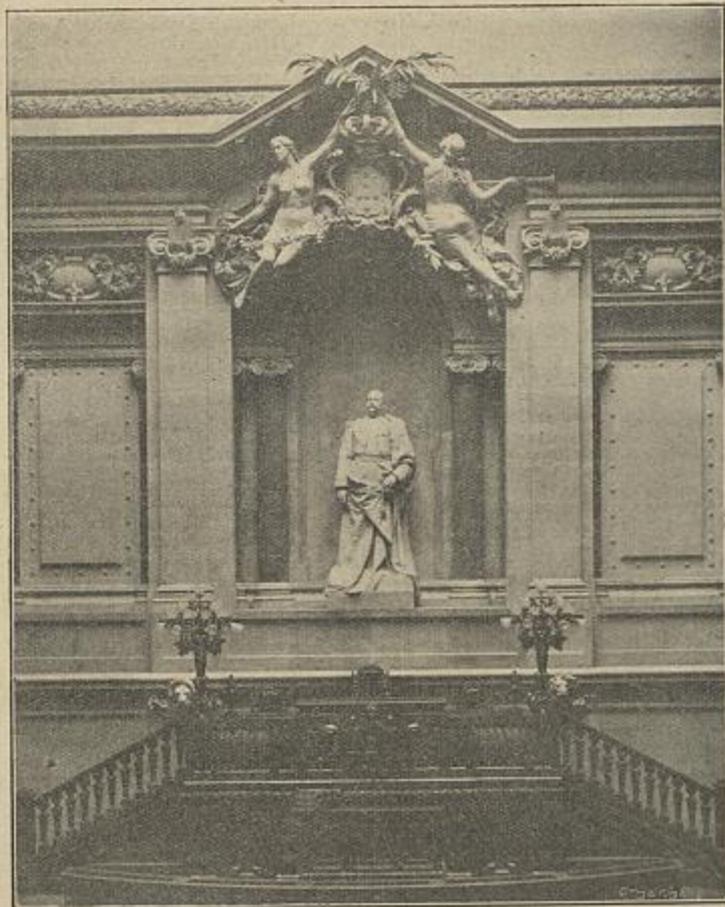
O ARCHITECTO VENTURA TERRA

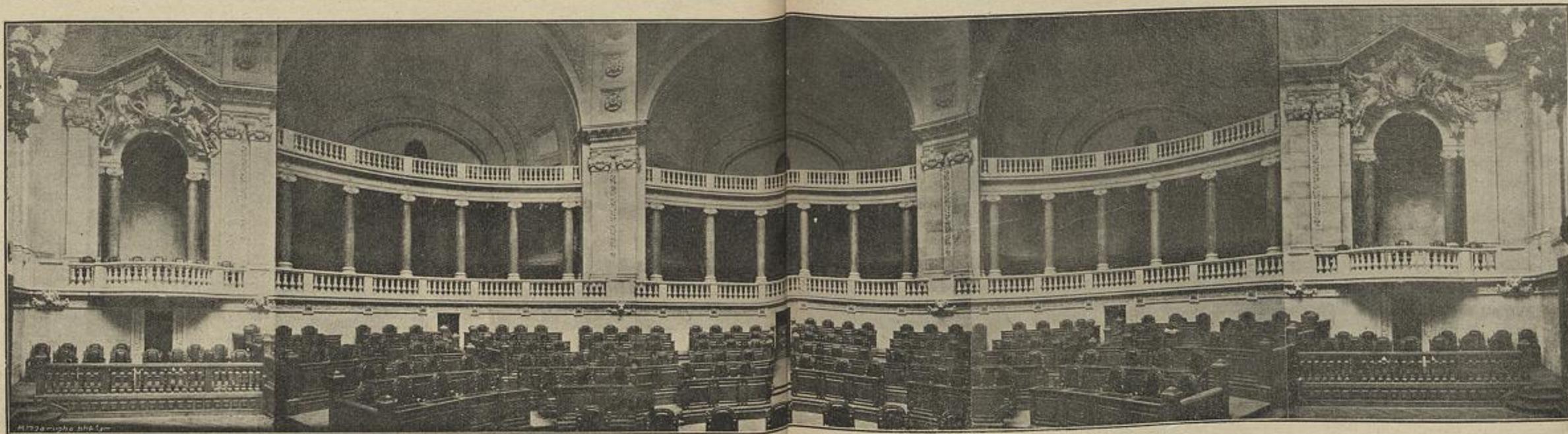
dados manteem a creação proveitosa do bicho de seda, adoptariamos alguns systemas de cultura e fabrico admissiveis em nósso meio, n'uma palavra, seriamos expeditos para lhes tomar os exemplos de valor moral e de significação utilitaria e pratica na vida rural e não fariamos caso de tudo quanto abunda entre elles de maior ou menor futilidade e mais ou menos pernicioso.

E isto que acabo de affirmar em referencia á França identicamente se observa a respeito de outros paizes com que sustentamos relações.

Macaquear nem é titulo de quilate recommendavel nem signal sympathico de gratidão sincera.

É preciso que sejamos homens a valer, que arranquemos á terra com o nosso esforço pessoal toda a materia-prima de que carecemos para uso proprio nas diversissimas condições e circumstancias de existencia privada e publica, e que sem abertamente repellir qualquer dos outros ramos de actividade humana, nos dediquemos, com especial attenção, á lavoura de nossos campos.

Desde o pão que nos alimenta até o vestuario que nos cobre e á cama em que dormimos, tudo isto nós teriamos

A PRESIDENCIA

A PRESIDENCIA E A TRIBUNA DIPLOMATICA

VISTA GERAL DA SALA

genuinamente portuguez se nos distinguisse maior amor ao trabalho, maior espirito de contensão, virtude civica mais apurada.

Queremos chegar a distancias grandes em curto praso, e esquecendo que nas entranhas da mãe commum está o fundo e a essencia real das coisas, confiamos levianamente nossos destinos a exterioridades de aspecto, a manifestações superficiaes e a luxo insustentavel e ruinoso!

Persistindo em voltar costas á lavoura aguardar-nos ha futuro pouco animador, e aquella indemnidade viril que tanto nos realçou em epocas gloriosas, cederá o logar a rachitismo agudo e a senilidade prematura.

O artigo editorial do *Diario de Noticias* em seu n.º 12:843, de 4 de setembro de 1901, chamou a minha attenção por seu titulo—*A cultura da terra*.

O remate do artigo alludido abrange estes tres periodos que vou transcrever e que deveras merecem ser lidos com animo de cumprir o que n'elles se encerra de exhortativo:

«Amemos a nossa terra amemol-a com o carinho do lavrador que lhe sabe todos os segredos e que, a troco de muito trabalho, lhe gosa todos os encantos.

«E' do perfeito conhecimento do sólo e do seu methodico arroteamento que dependem a nossa felicidade e o nosso futuro.

«Preparemos pois uma e outra coisa por meio da enxada e da charrua, e ainda que calejemos as mãos, serão esses calos os titulos mais legitimos e gloriosos da nossa nobreza».

Sim, luctemos contra o defeito de nossos vicios caseiros de actualidade, supplantemos os maus estimulos que nos affastam do trabalho util e nos lançam no caminho inglorio de questiunculas politicas, façamos proposito de haver firmeza de affecto a este solo fertilissimo e leguemos ás gerações vindoiras um exemplo nobilissimo de dignidade civica.

«O americano, disse Torqueville em seu estudo admiravel *De la democratie en Amerique*, lucta contra os obstaculos que lhe oppõe a natureza;» e esta phrase de conclusão no fecho do 2.º volume da obra monumental que acabo de citar contém o segredo que explica a serie de triumphos surprehendentes alcançados por aquelle povo famoso.

Nós, porém, que temos a ventura de possuir um tracto uberrimo em posição geographica das mais bellas do mundo e em condições climatericas de primeira ordem, nós, não havemos mister de empenhar combates para converter os campos em vergel delicioso, enchendo os celeiros e abarrotando as adegas.

«E duro ter que pagar o pão nosso de cada dia em ouro, escreveu ha pouco o illustre Visconde de Coruche, em *Pão e ouro*, acrescentando logo: mas isto confirma a verdade do peccado original que levou Deus a condemnar o homem a comer o pão no suor do seu rosto, cultivando-o ou pagando o á sua custa.»

Cultivando-o!—pois não será este o processo melhor para obter tudo aquillo de que carecemos em nossa alimentação?

Todas as vezes que importamos trigo do extrangeiro damos testemunho publico de não saber aproveitar a terra da patria e de ser afeiçoado ao romanso improductivo.

«Para que o trabalho seja productivo, lê-se em *Petições dirigidas a Sua Magestade pelas fabricas de moagem de cereaes de Lisboa e Porto sobre importação de trigo exotico*, em 26 de janeiro do anno passado: é preciso que demande algum esforço, e se conduza sob a direcção dos preceitos, da ordem, do methodo da disciplina; aliás entra-se n'um regime de inercia ou de agitação anarchisada, que decerto nada tem de commum com o verdadeiro trabalho».

Ora aqui estão palavras de bom senso experimental em documento destinado a fazer recair a attenção do chefe do Estado sobre um assumpto de significado moral e economico pouco lisongeiro para nós!

Nas *Petições* citadas procura-se demonstrar em face de algarismos, a necessidade de importar trigo; o que equivale á affirmativa de que não queremos semeal-o e colhel-o nosso.

Entretanto, nem tanto ao mar nem tanto á terra; é facto certo que já muitos lavradores teem feito largas sementeiras de trigo, havendo estes ultimos dois annos abundante colhêita do mesmo cereal.

«A apropriação da terra, disse o sr. Alvaro R. L. Valladas, no livro *Economia Elementar*, privou da prestação dos seus serviços todos os individuos, que não ficaram proprietarios, mas como, pela apropriação e pela cultura, as suas forças productivas se multiplicam e aproveitam mais consideravelmente, d'ahi deriva um accrescimo de producção e riqueza, que redunda em barateamento dos generos, e consequentemente, em vantagem geral».

(Continua) *D. Francisco de Noronha*

O FUNERAL E A POMBA[1]

PARAPHRASE.

I

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
O canhão inimigo já não troa,
Despedindo ao clarão da chamma ignifera
Horridas balas!

Atravez das fileiras lá se mostra,
Pasmado e triste o artilheiro ocioso;
E em vez de solta aos ventos a bandeira
Lugubre desce!

Que vae além nos arraiaes contrarios?
Tambem luctuosamente dobram sinos;
O tambor despedindo assentos roucos
Sente-se ao longe!

E nós cobertos de funereos crepes,
Acompanhamos com silencio fundo
Os despojos Reaes, que á luz das tochas
Palidos fulgem!

Quem ergue a voz nos arraiaes contrarios?
Vão cobertas de luto as nossas alas;
Porque trajam de lá, tambem afflictos,
Funebres pompas?

De cá perdemos Mãe, Rainha e tudo,
E nossas frontes de pesar se prostram;
De lá, seus inimigos, porque gemem
Lagrimas tristes?!

Que voz se ergueu nos arraiaes contrarios?
Acaso o tempo com a mão sinistra
Do seu livro de fé rasgou um nome,
Symbolo caro?

São portuguezes são; vede-os agora,
Que a dôr mostrando nos calados vultos,
C'o a mesma perda, se lhe apaga aos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos de ha vinte annos,
Vossos brios mais que humanos
Santificam vossa fé;
Respeitamos-vos de pé!
Doeram-vos nossas maguas,
E do vosso pranto as aguas
Banham nosso coração;
Chorae, chorae d'esse lado,
Que se enobrece o soldado
Que não nega o seu irmão.

Porque andamos nós em guerra?
Nascidos na mesma terra
Não nos guia a mesma luz;
Finde a guerra junto á Cruz!
Quem com seus irmãos pranteia
Não pode ter causa alheia;
Contrarios, perdão egual!
Nenhum lado se envilece,
E nós fazemos esta prece
N'um recinto sepulchral.

Aonde a melancolia
N'estas horas de agonia
Não vê ninguem descortez;
Tudo aqui é portuguez!
A dor que estala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar a soffrer;
Todos aqui vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras,
D'antes quebrar que torcer.

Em Montes-Claros soldados,
Em Alcacer consternados
Tivemos a mesma fé;
Eia, pois, todos de pé!
E sob uma só bandeira,
Da nossa paz companheira
Nos esqueça a proscripção;
Dos odios se acabe o grito:
Vinde amigos do proscripto,
Cessae de gemer em vão.

Não renegaes vossas dôres,
Já não desbotam as côres
Que tem vinte annos por si;
Mas podem unir-se aqui!
Que a união por Deus sagrada,
E' dever da crença herdada
E ha-de por fim triumphar:
Teve o throno o seu Calvario,
Repasse o pranto o sudario,
E venha a fé consolar.

Militando em campo opposto
Banhaste o nobre rosto
Do pranto que a magua dá;
Em jorros brota de cá!
Do luto da monarchia,
Prantear o infausto dia,
E' de todos commum lei;
Choremos pois a Rainha,
Foi do vosso Rei sobrinha,
E era Mãe do nosso Rei.

III

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa
Morta em flôr;
Flor que do tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa
Deixa a dôr.

Aos inimigos não basta
Ver os orphãos sem ventura
C'o este mal!
Mal que doera a madrasta,
Quanto mais á magua pura
Filial.

Vêde-o como vae sem fausto
Esse corpo que da alma
Enviuvou!
Enviuvou tambem exhausto,
O rancor que Augusta palma
Desfolhou?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flôr;
Flôr que do tumulo pendida,
A dois Reis, por Mãe e Esposa
Deixa a dor!

Oh! se orando aqui por Ella
Nossa união renascesse,
Para Deus!
Deus nos faria inda vêl-a,
Pelo bem que nos fizesse,
Lá dos Ceus!

Todos culpas e erros temos,
Todos fomos desterrados
D'esta Mãe;
Mãe patria.—Pois não seremos
N'este voto acompanhados
Cá tambem?

E o mundo que a vê sem vida,
Lamenta a planta viçosa,
Morta em flor;
Flor que do tumulo pendida,
A dois Reis por Mãe e Esposa
Deixa a dor!

IV

Quando passava o prestito no arco
Do sacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilhou n'um dos coches:
N'esse em que a morte descerrára o véu!
Sobre o vapor da etherea chamma ao alto,
E condensado nas regiões do ar,
D'entre elle surge mysteriosa uma ave,
Que os olhos fitam sem poder cançar.

E logo ao carro da corôa vê se
Que a meiga pomba sem temor voou;
Seria um espirito que viria agora
Vêr ainda a terra aonde já poisou?

Paz no futuro presagiando á c'rôa
Seria uma alma que ali vinha assim;
Abençoando do alto d'esse carro
Todo o seu povo reunido emfim?!

[1] Tendo publicado no numero antecedente a poesia de João de Lemos, *O funeral e a pomba*, publicamos hoje a paraphrase d'essa poesia feita por Gomes de Amorim.

Certo era um anjo que descia ao povo
E vinha unil-o por favor do Ceu;
Porque apparecia nos portaes da Egreja
Do sacro templo que a piedade ergueu!

Triste d'aquelle que do fundo da alma
Estes avisos do Senhor não vê!
Que não decifra no ethereo livro
Este milagre que a fé viva lê.

Ou alma ou pomba, como luz d'esperanças,
Fulgiu na c'rôa que passava ali.
Que do Ceu veiu juram-no mil bocas,
Que ao Ceu voára dizem todos—vi.

E do passado arrependida e triste,
Como um só homem a nação gemeu;
E a voz da Egreja com lutuoso canto
Apaga os odios que o passado ergueu.

V

Quebraram as armas, e unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece
Não quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos, esse corpo da morte colhido
Que agora da campa repoisa na paz,
Penhor de concordia por Deus escolhido
Ainda na morte esperança nos traz.

Que a mystica pomba não era Sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Foi a alma da Mãe, que veiu tranquilla
Na c'rôa do Filho saudar Portugal.

Foi anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado as pazes fazer.
Que a pomba descia dos altos sacrarios
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'rôa é do reino sabia o a pomba,
Porém d'este reino é Filho tambem,
O Rei que ajoelha na loisa que tomba
De todos querido sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e unidos na prece
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

F Gomes de Amorim

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

—Eu! alienar seja que fôr de meu dominio hereditario! atalhou Radnothy ainda mais assomádo, vender aquelle lindo campo? Nunca! Saiba, senhor mordomo, que um solar nobre, não é para ahi nenhuma casinhola, arruáda na cidade, que se compre e se venda ou se troque. Foi ganho a podêr de muitas e rijas cutiladas, é um penhor sagrado, pertence á familia, que não a um unico individuo. Hei-de transmitir a meu filho este dominio, tal qual o herdei de meu pae, e augmentado, até, visto que alguma cousa lhe tenho accrescentado. Acha então bonito que vá vender o meu campo a esse conde que sempre foi meu inimigo, e que combateu a minha eleição a Vice-Palatino? Nunca. Antes mil vezes morrer de fome. Arredondar aquellas suas leiras de má morte com as minhas lindas geirazinhas, dessa o livrarei eu! Tudo menos isso! E o senhor mordomo fica desde já previnido, de que não lhe tolero que ande metido de gôrra com os famulos do meu inimigo.

E o mordomo calado, não ousou ponderar lhe que o sobredito lindo campo ficaria por semear n'aquella estação, que o despedido feitor o não podéra amanhar, e não conseguiria dá-lo de meias; voltou á carga com um novo alvitre; opinou que se podia vender a mata.

—Hein? vender a minha rica matta?—clamou novamente Radnothy—Só se eu estivesse doido! Pois não se recorda de que, haverá um mez, quizemos vender cincoenta carradas de lenha, e a miseria que aquelle destilador de aguardente nos offereceu por ella? E, d'então para cá, não tem melhorado o preço. Ao bom administrador incumbe-lhe efectuar as vendas em tempo asádo, quando os preços estão altos, e nunca esbanjar, com a mira em ver dinheiro nas unhas. Sempre assim procedi, e jamais tive que me arrepender.

Effectivamente, dizia a verdade.

N'outros tempos fora um bom administrador, e sê-lo-ia ainda, provavelmente, se o não houvera pungido a tal ponto a desventura, e se acaso viéra incontrar os seus bens nas condições de outrora.

Aquella sua eterna confusão, porem, entre o passado e o presente, devido, ja ao orguiho, já ao desgosto ou á irritação, aquelle seu eterno planear na inercia dos sonhos e devaneios lançara na maxima desordem os seus negocios e sobremodo o azedavam.

Concordava na venda da mata, mas desde logo se arrependia. Ingendrava novo plano, mas vinha sempre a descambar no alvitre da venda da matta. e delle se apoderava de novo o desalento.

Persuadia-se de que, em todo o condado, era elle assumpto perenne de commentarios, em como ia vender as florestas, os campos, e a propria casa; apodavam-no de mau administrador, malsinando-o de fidalgo pelintra, de vice palatino das duzias, vergonha da sua estirpe.

Desde então, entrou a assediá-lo a ideia de que tinha que arrostar com a penuria, e de que a pouco e pouco se veria na necessidade de alienar grande parte dos seus bens, e, comtudo, cumpria-lhe transmitir ao filho intacta a herança de seus avós! Tão acerbos cuidados invenenavam-lhe a alegria que lhe inundara a alma ao ter noticias do filho. Até agora, irritara-se contra os filhos, n'este momento, porém, soffria por elles, convicto de que os não poderia deixar em situação de sustentarem sua prosapia.

E que despeza lhe não caira agora em casa! A rapariga attinge a edade casadoira, o rapaz está um homem, espera este verão a visita da cunhada, e cumpre hospedá-la condignamente; e nada d'isto se faz sem dinheiro, e elle, incontra se apenas em circumstancias de accudir ás despezas diarias!—Redobrou de azafama na intervenção dos negocios domesticos, e com a dupla azafama consegue apenas embaralhar tudo quanto o próbo mordomo conseguira fazer entrar na ordem.

E sempre agarrado á sua ideia fixa de extorquir as suas fazendas das mãos de extranhos e subrepticios possuidores. Se as tivesse em seu poder, é mais que provavel que se não veria obrigado a vender a sua rica matta, dizia comsigo; a lembrança, porém, de estarem usurpados por extranhos os seus dominios hereditarios levava-lhe ao ácume a irritação.

Para que hei de eu ir queixar-me á justiça, e intentar uma demanda, dizia, amiude ao mordomo.

Sabidas as contas, hão de cuidar, que não está da minha parte a razão. Mas aquelles campos pertencem-me, quero e hei-de entrar outra vez na posse delles!

Heide sacudir d'ali para fóra a pontapés aquelles patifes, irão queixar-se ás auctoridades, e intentar-me-ão um processo extra-*dominium*, mas se não está da sua parte o direito! Applicar-lhes-ei um processo summario, para os ensinar a respeitar o que é de razão ser respeitado; obrigá-los-ei a incolher as unhas e a tributar-me a consideração a que tenho direito.

(Contińua). *M. Macedo (Pin-Sel)*

CAETANO ALBERTO DA SILVA

O fasciculo n.º 8 do diccionario «Portugal,» trabalho em que a empreza editora «O Recreio» está pondo todo o seu esmero e cuidado, enchendo-o de cupiosos dados historicos e biographicos, traz uma referencia ao nosso digno director e proprietario d'*O Occidente*, sr. Caetano Alberto da Silva, que a redacção agradece.

Com a devida venia transcrevemos esses breves traços biographicos, que, no laconismo d'uma publicação d'aquelle genero, não podem definir em maior grau o valor do artista a quem são consagrados:

ALBERTO DA SILVA *(Caetano)* Gravador distincto. Nasceu em Lisboa a 7 d'agosto de 1843; filho de José Umbelino da Silva, advogado, e de D. Gertrudes Magna da Silva. Ficando orphão de pae aos 6 annos, sua mãe o quiz dedicar á vida ecclesiastica; circumstancias imprevistas, porém, o obrigaram a seguir outra carreira, e tendo, apenas 12 annos de edade, em 1855, resolveu partir para o Brazil, embarcando na barca *Progressista*, pertencente a seu tio Paulo Antonio da Rocha.

No Rio de Janeiro esteve então empregado na casa italiana de Florita & Tavollara, onde se demorou até 1859.

Regressou ao reino, n'essa epoca, n'um brigue de véla; a viagem foi tormentosa e muito longa; afinal conseguiu chegar a Lisboa.

Travando então conhecimento com o notavel e fallecido artista Nogueira da Silva, deu-se á aprendizagem da gravura, para que mostrou decidida vocação. O discipulo tornou-se tão habil e estudioso, que logo em 1861 appareceram no *Archivo pittoresco* os seus primeiros trabalhos de gravura em madeira.

Animado da perseverança e energia, que tanto caracterisam os espiritos emprehendedores, Caetano Alberto, contando só 18 annos, dedicava-se ao trabalho assiduo, sem nunca desanimar, e alguns annos depois, em 1869, estabeleceu um *atelier* de gravura, concentrando todos os seus esforços e boa vontade para fazer da arte de gravura em madeira, no nosso paiz, uma profissão notavel e progressiva.

Este *atelier* tornou-se uma escola muito util e aproveitavel; o numero de discipulos augmentava, dando honra ao seu director e professor; a maior parte d'esses discipulos constituem hoje alguns dos gravadores que existem. Os trabalhos de Caetano Alberto andam disseminados por differentes publicações; alem do *Archivo pittoresco*, vemol-os nas *Artes e Letras*, no *Hyssope*, *Luziadas*, edição do Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro, na *Historia de Portugal*, da Empreza litteraria, de Lisboa, e na *Historia Universal*, da Empreza litteraria Fluminense.

Em 1878, fundou o *Occidente*, revista illustrada importantissima, bem conhecida em todo o Portugal e suas colonias, e no estrangeiro, sendo na parte litteraria collaborada pelos mais afamados escriptores.

Tanto o *Occidente*, como os trabalhos de Caetano Alberto, teem figurado em diversas exposições nacionaes e estrangeiras, obtendo premio no Porto, em 1877, em Paris em 1878 e 1900, Lisboa 1888, Anvers 1894, e o grande diploma de Honra na exposição da Imprensa em Lisboa, 1898. Em outubro de 1897 foi agraciado com o grau de cavalleiro de S. Thiago, do merito scientifico, artistico e litterario. Escreveu alem da sua variada collaboração no *Occidente* o *Descobrimento das Filippinas*, *A Campanha d'Africa*, de Mousinho d'Albuquerque; tem editado algumas obras e ultimamente o *Diccionario das seis Linguas*, por Francisco d'Almeida.

NECROLOGIA

D. THOMAZ GOMES D'ALMEIDA

Bispo da Guarda

O preclaro Bispo da Guarda, que falleceu no dia 3 do corrente, honrava o clero luzitano com o exemplo das suas virtudes e com as suas preciosas qualidades de caracter.

Bondoso e caritativo, distribuindo continuamente grande numero de esmolas em toda a sua diocese, educava pelo exemplo e convencia pela palavra.

A vida do venerando prelado, foi das mais ferteis em obras uteis, em demonstrações de amor ao seu paiz e de dedicação pela classe a que pertencia e zelava com o disvelo intelligente de pae amantissimo.

D. Thomaz Gomes d'Almeida nasceu a 25 de novembro de 1836, e era filho de Manuel Gomes d'Almeida e de D. Maria Joaquina de Bastos, lavradores pouco abastados, mas honrados.

Estudou primeiras letras e latim em Castellões, concelho de Macieira de Cambra, e alguns preparatorios em Aveiro, concluindo-os em Coimbra, onde fez o curso do seminario.

Frequentou depois a faculdade de theologia, obtendo o primeiro *accessit* em todos os 5 annos do curso.

Ordenou-se presbytero nas temporas da SS. Trindade de 1860, celebrando a sua primeira missa no dia de S. Pedro do mesmo anno.

Formou-se em 1863, estando já despachado para um canonicato de Vizeu com onus de ensino, regendo a cadeira de Theologia Dogmatica e Especial, onde teve occasião de patentear os subidos dotes da sua profunda intelligencia.

Pelos seus meritos e altos serviços prestados á instrucção theologica, foi honrado com uma cadeira capitular no cabido viziense.

Foi apresentado Bispo de Angola e Congo em 29 de março de 1871, e confirmado em 4 d'agosto do mesmo anno, partindo para Angola no dia 5 de maio de 1872, tendo sido sagrado na Egreja do Sacramento, em 21 de janeiro do mesmo anno.

Em Angola esteve 5 annos, sendo depois apresentado coadjutor do Arcebispo de Gôa, com o titulo de Bispo de Teja, em 28 de janeiro de 1879,

partindo para Goa em agosto do mesmo anno, e regressando á metropole em abril de 1882.

Foi apresentado Bispo da Guarda em 26 de abril de 1883, tomando posse em 14 de outubro do mesmo anno, logar que exerceu dignamente, durante 20 annos.

N'esse longo periodo, poucas vezes sahiu do seu palacio, entregue a uma vida concentrada e de aturado estudo.

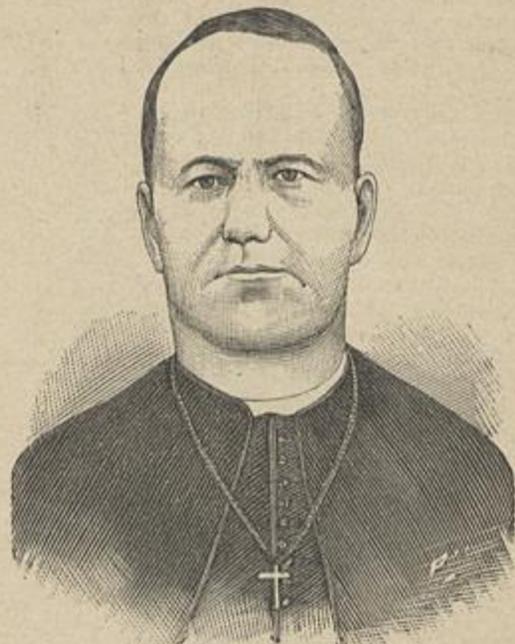
A Conferencia de S. Vicente de Paula deve ao eminente prelado relevantissimos serviços.

Ha pouco ainda o venerando bispo havia subscripto com 500$000 réis para as obras do novo hospital da Misericordia, que se acha em construcção.

O funeral foi concorridissimo, e o trajecto para a Cathedral, onde os seus restos ficaram depositados, foi feito entre alas de povo, que assistia com o mais profundo recolhimento ás ultimas homenagens prestadas ao virtuoso prelado.

UMA QUARTA DO RIBATEJO

Com encrostações de prata, pertencente ao sr. Vicente Themudo d'Oliveira

(Executada nas officinas de Leitão & Irmão)

D. THOMAZ GOMES D'ALMEIDA

Bispo da Guarda

Fallecido em 3 do corrente

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Kalendario *da Fabrica de Bolachas de Eduardo Costa*:—E' realmente um primor artistico este kalendario com que o sr. Eduardo Costa brindou os freguezes da sua fabrica de bolachas, a primeira do seu genero no paiz.

O assumpto principal que illustra o *kalendario* é um bello quadro historico *Tomada de Malaca por Affonso d'Albuquerque*. Tanto a composição do quadro como a sua execução em chromo são primorosas, e devidas ao distincto artista Roque Gameiro.

Um bello brinde artistico que muito agradecemos.